

---

## A AGENCY INDÍGENA NA PAMPA BONAERENSE: O CASO DAS MISSÕES DE PAMPAS E SERRANOS

### THE INDIGENOUS AGENCY ON BUENOS AYRES' PAMPA: THE CASE OF THE MISSIONS OF PAMPAS AND SERRANOS

---

Juliana Aparecida Camilo da Silva  
Mestranda em História – UNISINOS  
jcamilo36@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho se propõe a analisar a formação e curto espaço de existência de três missões erguidas por padres jesuítas na pampa bonaerense no século XVIII. Estas reduções se encontravam em um território de fronteira, ou seja, uma localidade que estava fora da jurisdição da Coroa Espanhola e ali viviam índios independentes. Dessa forma, esta fronteira não se reduzia ao isolamento entre dois mundos, ou ainda, a demarcação da dicotomia branco e índio, bem pelo contrário, este local era uma “zona de contato” (PRATT, 1999). A vista disso estudaremos o tema das missões jesuíticas a partir do viés indígena, apresentaremos os índios dos “bastidores para o palco” (ALMEIDA, 2010). A metodologia para este trabalho será de leitura da literatura de referência e da pesquisa em fontes primárias, especialmente nos documentos produzidos pelos jesuítas. Elas serão analisadas com base nos aportes teóricos atuais que sugerem a pertinência darmos relevância a agency indígena.

**PALAVRAS CHAVE:** Missões Austrais. Agency Indígena. Fronteira

**ABSTRACT:** The present paper proposes to analyze the formation and the short lifespan of three Jesuit missions established on Buenos Ayres' *pampa* in the 18th century. This reductions were located in a frontier territory, that is, in an area which was outside the Spanish crown's jurisdiction and inhabited by "independent" natives. However, this frontier was not reduced to a line that isolated both worlds, it was, on the contrary, a "contact zone" (PRATT, 1999). We will present the natives from the "backstage to the stage" (ALMEIDA, 2010) in order to study this subject from the indigenous perspective. The methodology for this paper will be both the reading the specialized bibliography and researching our primary sources, specially the documents produced by Jesuits. These sources will be analyzed in order to give highlights to the indigenous agency, according to what the current theory of this area of knowledge suggests.

**KEYWORDS:** Southern missions. Indigenous agency. Frontier.

Este artigo é uma síntese do projeto de pesquisa<sup>1</sup> “A *agency* indígena na pampa bonaerense: o caso das missões de pampas e serranos”. Neste projeto temos como objeto as três missões: Concepción de los Pampas (1740) Nra Sra del Pilar (1746) e Madre de los Desamparados (1750). Nossa investigação centra-se na *agency*<sup>2</sup> indígena, isto é, em avaliar como os indígenas atuaram como sujeitos desta história, inserindo-se nas reduções, ou rechaçando-as e contribuindo para seu fracasso. Na medida do possível, faremos isto usando como argumento narrativo a trajetória de um importante cacique serrano, conhecido como Cangapol “O Bravo”, protagonista de intensas contendas com os hispano-crioulos e também com os três “*pueblos*”.

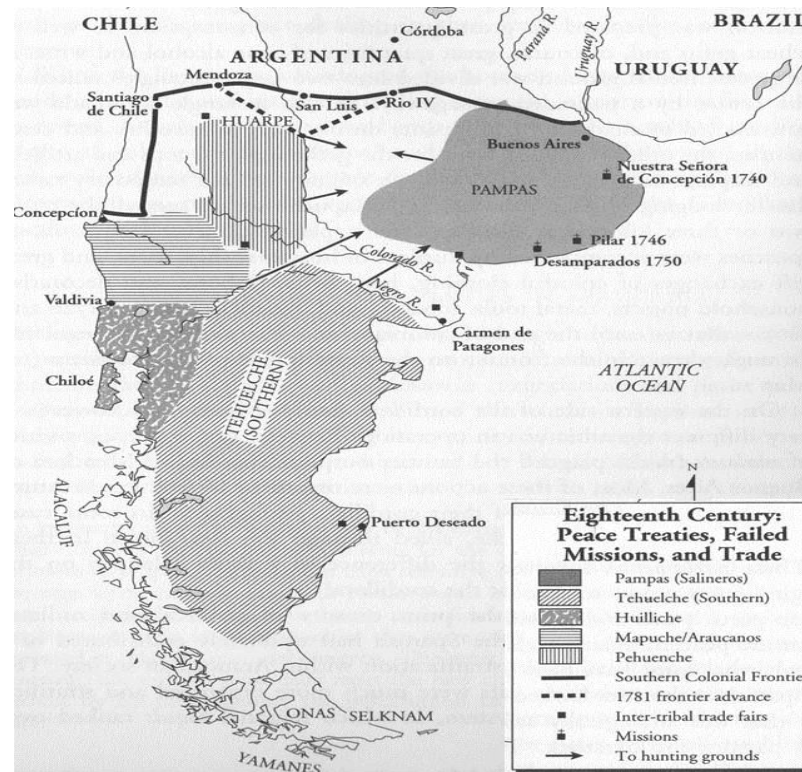
A região na qual trabalhamos a campanha bonaerense no século XVIII costuma ser definida como uma área marginal do vastíssimo império espanhol. As margens do rio Salado, a mais ou menos 150 km de Buenos Aires onde será erigida a primeira das missões em tela, constituía-se no Setecentos em uma "fronteira" que separava o “território espanhol” da área indígena. De acordo com Florencia Roulet (2006), o termo "fronteira" se impõe nesta área a partir da terceira década do século XVIII, e não antes. Ele possuía então duas dimensões subentendidas: uma militar, que se forma justamente neste momento, inclusive com a política de erigir fortes nesta localidade, e outra política. Dessa forma, por uma perspectiva era um espaço-tempo de luta contra um inimigo hostil, e por outro aspecto, era um território que estava fora da jurisdição da Coroa espanhola, isto é, onde os indígenas mantinham-se independentes.

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa apresentado e aprovado na seleção de mestrado do PPG de História da Unisinos 2014/ 1, com bolsa CNPQ.

<sup>2</sup> Usamos o termo “agency” no sentido adotado pelo historiador inglês E. P Tompson, ou seja, “o protagonismo do indivíduo e do grupo social, a agência humana.”

Figura I: Mapa da “Fronteira” Bonaerense



Fonte: PASSETI, Gabriel. A expansão econômica na região platina nos séculos XVIII e XIX. *Klepsidra: Revista virtual de historia*, ISSN-e1677-8944, Nº. 22, 2004.

Contudo, até o início do século XVIII as relações entre os nativos da pampa-patagônia e os colonos espanhóis estabelecidos no *hinterland* de Buenos Aires, haviam sido relativamente poucas e não muito conflituosas, a não ser em momentos isolados. Talvez também por isto, não contamos com muitas informações sobre elas antes deste período.

É a partir de meados do XVIII que as fontes se tornam mais abundantes, e é neste momento que a região conhece fortes transformações. De um lado, a dinastia dos Bourbons iniciou uma série de medidas que visavam tanto o avanço das fronteiras coloniais espanholas quanto a defesa desses territórios, ora contra possíveis rivais estrangeiros, ou ainda contra os grupos nativos que permaneciam fora do controle espanhol. Ao mesmo tempo esta reorganização impulsionava a economia, e Buenos Aires se tornava um gerador de produtos pecuários para Europa. Como resultado, as estâncias coloniais iniciavam um processo de expansão.

Por outro lado, o mundo indígena também sofrera mudanças. A adoção de bens espanhóis, principalmente o gado cavalariço, alteraram profundamente suas vidas. Entre outros aspectos podemos apontar mudanças na sua dieta, na vida material e nos padrões de deslocamento. Além disto, a intensificação das relações comerciais entre os grupos nativos e entre estes e os “cristãos”, aumento dos intercâmbios culturais, crescimento demográfico, entre outros (MANDRINI, 2002).

De fato, durante os séculos XVI e XVII se produziu na campanha bonaerense uma enorme proliferação de gado vacum e cavalariço. Este foi aproveitado tanto por espanhóis, quanto por nativos. Tal abundância gerou um destrutivo sistema denominado “vacaria”, o qual consistiu na caça ao gado selvagem que habitava as cercanias de povoados na época. A exploração desmedida levada a cabo por povoadores de Buenos Aires através do mencionado sistema, assim como, as entradas realizadas por vizinhos de outras províncias e a captura praticada por índios provocaram no início do século XVIII a escassez do “gado cimarrone”, sendo que, o restante do gado que outrora era abundante, ficou disperso no amplo cenário da campanha.

Dessa maneira, o aumento da demanda de animais, o crescimento das estâncias e a nova política borbônica, impulsionaram a cidade e seus habitantes a voltar os olhos para o território e os recursos que se encontravam ao sul. Os indígenas, por seu lado, premidos pela extinção do gado começaram a praticar suas incursões ao território espanhol com mais frequência por meio de “malones”<sup>3</sup>. Assim, apesar das relações relativamente pacíficas até então, em meados do XVIII a conflitividade aumenta em grandes proporções.

É neste momento que entra em cena o nosso protagonista Cangapol. Em 1737 alguns espanhóis sob comando do governador Miguel de Salcedo atacam índios da parcialidade “pampa”, que segundo os hispano-crioulos, haviam assaltado seus povoados. Como consequência, Cangapol decide revidar com ofensivas aos arredores de Buenos Aires, levando gado e cativos para as suas “tolderias”. A resposta indígena também conhecerá represálias e a violência se espalha. Nestas circunstâncias, de acordo como os padres Lozano (1735-1743),

---

<sup>3</sup> Estes “malones”, ou seja, incursões indígenas a estâncias e vilarejos espanhóis, muitas vezes buscavam evitar o combate aberto. Cada malón tinha seus objetivos específicos, e era muito mais que um simples saque. A lógica dos malones necessariamente não significava se opor a negociações. Pelo contrário, os malones eram também um modo de forçar as negociações, instrumentar represálias por violações de pactos, ou ainda renegociar condições. Além disso, eles aconteciam não apenas pela busca do gado, mas também a procura de roupas, armamentos e, frequentemente, de cativos, incluindo mulheres e crianças.

Falkner (1774) e Sanchez-Labrador (1772), alguns caciques pampeanos, presos entre o temor do ataque dos cristãos e seus próprios conflitos interétnicos, procuram as autoridades espanholas pedindo reduções.

Segundo o jesuíta Sanchez Labrador, temendo por suas vidas e de sua gente, eles se encaminharam até a cidade e se apresentaram ao governador Don Miguel de Salzedo:

Suplicaronle por las vidas, y también le pidieron, que les permitiese habitar entre los Españoles em las haciendas de campo. Protestaron que guardarian la paz con los Españoles, no damnificandoles en nada. El Señor governador alegre al ver a submision de los indios pampas, se valio de esta ocasión para ganarlos á la fé. Respondioles, pues, que solamente lograrían su proteccion juntandose en un pueblo, y admitiendo Misioneros, que los enseñasen a Ley Santa, que profesaban los españoles; que si querían andar, como hasta este tiempo, dispersos, que no contasen con su amistad, pues antes bien los perseguiría á sangre, y fuego [...]Viendo los indios la entereza del governador, y juntamente el amor que les mostraba. (SANCHEZ LABRADOR, [1772] 1910, p.83)

Por seu lado, Pedro de Lozano registrou que:

Consultáronse entre si sus caciques, y hallaron ser el arbitrio más acertado (...) entregarse por completo al español, el cual aunque ofendido, estaria inclinado a perdonar, y los defenderia eficazmente contra sus demás enemigos, Así es que se encaminaron a la ciudad rogando primero al governador (...) Don Miguel de Salcedo y después al comandante Don Juan Martins, que ratificasen con ellos la antigua paz y amistad. (LOZANO, [1735-1743] 1994, p. 589)

É em tal conjuntura que as três missões são estabelecidas. Notamos que dois dos povoados austrais<sup>4</sup> foram edificados a partir da intervenção de caciques pampeanos que não eram aliados a “Bravo”, no momento que lhes foi mais oportuno. As autoridades coloniais, por sua vez, viram nas reduções uma forma de conter as ações indígenas, com o que, elas seriam convenientes para ambos os lados.

<sup>4</sup> As missões aqui tratadas também são conhecidas como “missões austrais” ou “missões de pampas e serranos”.

Entretanto, sabemos que o esforço dos missionários com os índios “pampas e serranos” foi frustrado, pois os povoados duraram pouco mais de dez anos. Um dos motivos principais para seu declínio foram os ataques de Cangapol. Durante todo o transcorrer das reduções o cacique negociou com os padres muitos *regalos* em troca de tréguas.

Além disso, outro motivo para o insucesso das missões diz respeito as próprios catecúmenos que desde o princípio, aceitaram a vida em redução através de negociações, além do mais, quando reduzidos estes índios não se mostraram dispostos a abrir mão de interesses próprios em favor do que era demandado pelos padres das missões. Para eles, sob certos aspectos que queremos explorar, os “*pueblos*” se constituíram em um núcleo de troca de conhecimentos e aprendizagem, processos que se desenvolveram justamente no local que serviria como meio de dominação da sociedade ocidental. Para Fradkin:

La nueva política de fronteras renovó el impulso para formar reducciones. Su objetivo, [...], era que las misiones permitieran transformar por completo o el modo de vida indígena y lograr que los grupos se redujeron y sedentarizaran: ponerlos “en policía” dicen las fuentes, haciendo alusión tanto a la vida política como a la represión. Los resultados fueron muy diferentes y muchas misiones se convirtieron en un punto de articulación comercial hispano-indígena sin que las parcialidades renunciaran al manejo autónomo de su territorialidad ni transformaron sus modos de vida al gusto de los misioneros. (FRADKIN, 2009, pp. 117 – 118)

Sendo assim, as missões austrais foram um complexo cenário interétnico e de trocas culturais, por conseguinte, estas reduções tornaram-se um *locus* para estudar a *agency* indígena. Por isso, nesta proposta abordaremos os índios como protagonistas da história dos *pueblos*, usando a sugestão metodológica de autores como ALMEIDA (2003), MONTEIRO (2006) e WILDE (2012).

Para tanto, usaremos como estratégia narrativa o caminho percorrido pelo cacique Cangapol através de suas relações e embates com a sociedade “branca” bonaerense. Traçaremos o panorama das populações nativas pampeanas e suas reconfigurações culturais quando no contato com bens espanhóis. Além disso, ao delimitarmos a trajetória de “Bravo” acreditamos demonstrar a dinâmica do mundo indígena, com suas diversas parcialidades e estas com movimentações e propósitos heterogêneos.

Como já dissemos este trabalho é fruto do nosso projeto de pesquisa, sendo assim, a justificativa para esta análise se concentra principalmente pela singularidade das “missões austrais”. Dentre estes aspectos distintos, destacamos a proximidade dos povoados com a capital Buenos Aires, que se encontrava a cerca de 150km da redução de *Concepción de Los Pampas*, possibilitando um contato inevitável com a sociedade hispano – crioula. Apesar de tal situação descontentar tanto padres, quanto alguns segmentos da sociedade “branca”, para outros, esta vizinhança era desejada, visto que, serviria de ingresso para as terras indígenas.

Dessa forma, uma das queixas recorrentes feitas pelos padres na documentação trabalhada, diz respeito ao comércio recíproco entre espanhóis e índios. *"Los comerciantes itinerantes eran un elemento característico en los acampamentos y aldeas de los indios independientes en lugares tan díspares como la Araúcanía, la Pampa, el Chaco [...]."* (WEBER, 2007, p.340). Sendo assim, estas relações não se reduzem somente a troca de bens palpáveis, e o contato mutuo entre dois grupos díspares acaba por influenciar reciprocamente a cultura imaterial de cada um.

[...] mestizaje no fue solo biológico sino que se extendió a todo tipo de contacto en los que el préstamo y la mezcla de rasgos culturales fueron una parte intrínseca. El mestizaje, planteado de esta manera, refleja la necesidad que tenían los contemporáneos para “inventar” a diario modos de coexistencia y soluciones para sobrevivir. En los primeros momentos del contacto, o producto del desinterés y/o la imposibilidad de cada uno de los grupos en contacto por imponer su fuerza, se llegaría a la “construcción” de un mundo que fuera mutuamente inteligible para lo cual debía apelarse a símbolos y valores del otro. (RATTO, 2005, P.182)

Devemos observar também, que os índios pampeanos sofrem de preconceitos pelo estilo de vida nômade, termo que hoje os especialistas procuram não empregar. Efetivamente, muitas vezes, este conceito é categorizado por uma perspectiva tradicional quanto aos caçadores e coletores, como seus movimentos estivessem totalmente condicionados ao meio ambiente e, por isto mesmo, limitando suas atividades a subsistência. Assim, seriam selvagens por não praticarem a agricultura, ou, ainda por não programarem seus movimentos nem suas vidas. Entretanto, segundo Mandrini:

Sin embargo, un análisis más cuidadosa revela que los hechos fueron más complejos. El análisis más profundas de la economía indígena obliga a abandonar viejas ideas, dejando de lado definitivamente la calificación "depredatoria" que se ha abjudicado. Por el contrario, abarcaba un amplio espectro de actividades (pastoreo en diversas escalas, caza, agricultura, recolección, producción artesanas) combinables en diferentes grados y formas lo que le otorgaba una excepcional adaptabilidad. También debe ser abandonada la idea de nomadismo de los indígenas de las llanuras argentinas. La población india estaba asentada en parajes bien determinados donde la presencia de pastos, agua y leña hacía posible su supervivencia y algunos lugares - las tierras vecinas a las tierras del sur bonaerense, los valles del oriente de la actual provincia de La Pampa, el monte de Caldén y los valles cordilleranos – fueron centros de asentamientos de importantes núcleos estables de población. [...] Así la alta movilidad de los indígenas, determinada principalmente por la circulación de los ganados, no debe confundirse con nomadismo. (MANDRINI, 2007 p. 23).

Assim sendo, esta modalidade de ocupação do espaço que era experimentada pelos nativos, pode ser apontada como uma habilidade que busca aprimorar as possibilidades econômicas possíveis. Dessa forma, nossa análise pretende contribuir com os estudos atuais, desmitificando a concepção clássica sobre o estilo de vida nômade dos nativos da pampa-patagônia.

Além do mais, atualmente está em curso uma revisão do pensamento cuja matriz é a obra clássica de Domingos Faustino Sarmiento, que apontava uma profunda oposição entre campo e cidade, branco e índio, tudo em nome do progresso, que buscamos aqui acompanhar

Si en el mito de la "Argentina europea" esta era un país "sin indios", la historia de esa Argentina debía también serlo o, en todo caso, los "nativos" eran sólo cosas del pasado, reliquias arqueológicas cuyo lugar estaba en los museos de Historia Natural creados en esos tiempos. Así, si el tema de las fronteras indias –fronteras interiores, como se las llamaba entonces– formaba parte de una heroica gesta nacional, la "lucha contra el indio", las sociedades nativas mismas quedaban borradas de esa historia. Los historiadores se desentendieron del análisis de la sociedad indígena y dejaron su estudio en manos de arqueólogos y etnólogos. (MANDRINI, 2006, P.21)

Embora possamos achar que tais interpretações pertencem a um passado remoto, constantemente elas ressurgem principalmente quando as questões indígenas ganham algum destaque ou avanço. Justamente por isso, este trabalho colaborará com as novas perspectivas para a temática, que emergem principalmente a partir das duas últimas décadas. Essa nova



conceituação se concentra na redefinição e revalorização das sociedades indígenas, que aparecem agora, no caso aqui apresentado, como protagonista dos processos de transformação que a fronteira da pampa-patagônia experimentou na época colonial (MANDRINI. 2003, 2007).

Nosso estudo revisará a literatura tradicional sobre as missões jesuíticas, as quais tomavam os padres como únicos protagonistas das reduções. Para isso, usaremos a sugestão metodológica de autores como Guilherme Wilde (2009) Maria Regina Celestino de Almeida (2003) Paula Montero (2006) Eugenia Néspolo (2007), que revelam os nativos como personagens principais da história dos “pueblos”. Além disso, nosso suporte será na Nova História Indígena, que compreende os nativos como sujeitos ativos da história e esta perspectiva, foca na investigação dos processos de transformações dessas sociedades.

Esta disposición hacia una relectura del pasado e del presente de las sociedades nativas ha generado un verdadero cambio de perspectiva que se caracteriza por:

- (1) tomar em cuenta el punto del vista indígena em la operación de reconstrucción de los procesos históricos coloniales;
- (2) analizar los procesos combinados de resistencia, adaptación y cambio dejando atrás la vieja dicotomía entre permanencia de una tradición inmemorial por un lado y dilución de la entidad india via un mecanismo de aculturación impuesta por el otro;
- (3) Prestar atención a la emergencia de nuevos grupos y identidades o de *new peoples* através de los múltiples procesos de mestizaje e etnogenesis. (BOCCARA, 2002, p.48)

Sabemos que os índios pampeanos no decurso dos séculos de contato com a sociedade “branca”, passaram por grandes trocas culturais. Estas transformações são evidência de que a cultura é dinâmica e se altera historicamente. O mundo indígena, embora não submetido aos poderes coloniais, não era isolado ou estático, prisioneiro de suas tradições. De acordo com Wilde:

Hablar de autonomía indígena en el contexto misional no significa simplemente aceptar que los indios fueron capaces de actuar por sí mismos en base a opciones racionales, lo que resulta algo trivial y simplista a luz de la literatura reciente. Sobre todo implica reconocer que los indígenas desenvuelven nociones y lógicas inspiradas en tradiciones y memoria sedimentadas (anteriores y posteriores al contacto con los europeos), las cuales codifican nociones singulares y dinámicas de tiempo, espacio y persona. Esas lógicas indígenas están lejos de ser manifestaciones de una

“pureza étnica”. Son el resultado de un proceso de etnogénesis en el cual “lo indígena”, aunque aparezca ocupando un lugar especial en el discurso nativo e institucional, no constituye una identidad unívoca sino una confluencia de niveles y trayectorias inscriptas social e históricamente. (WILDE, 2009, P.37)

Portanto, nossa proposta tem como objetivo evidenciar a *agency* indígena, ou seja, o dinamismo, as transformações, as adaptações dos índios dentro do contexto das missões. Outros autores foram fundamentais para definição desta problemática entre eles podemos apontar: David Weber (2007), Guillaume Bocarra (1999, 2003, 2006, 2007), Raul Mandrini (2003, 2006, 2007), Silvia Ratto (2001), Florencia Roulet (2006), Raúl Fradkin (2005), Lidia Nacuzzi (2008), Mary Louise Pratt (1999), Ivone Del Valle (2009), etc.

Nossa principal fonte para este estudo é proveniente da escrita jesuítica, uma vez que foram padres desta Ordem que dirigiram as "missões austrais" como são chamados os três povoados. Os missionários escreveram textos de diversas naturezas em que relataram sua experiência nas missões. Entre eles estão cartas, informes, mapas, diários, crônicas etc. Sabemos que a interpretação de tais textos é complexa. Em primeiro lugar, devemos considerar que eles obedecem a um conjunto de normas e orientações rígidas, que dirige o que deve ser relatado e como. Padecem, além disto, de um caráter eurocêntrico e cada um deles possui um propósito em particular.

Apesar de termos destacado que tais fontes têm uma marca institucional, não desconhecemos que elas também contêm a subjetividade de cada autor, visto que esses registros trazem o elemento humano por detrás da escrita, as práticas acumuladas, os interesses pessoais e até mesmo a maior ou menor “abertura ao outro”. Assim sendo, todos estes aspectos acabavam recaindo sobre as escolhas feitas pelos padres no ato da composição de sua escrita. Ressalvando tais características, destacamos que estes documentos são ricos e muito importantes, por vezes testemunhos privilegiados e únicos.

Las crónicas que proliferan especialmente en el siglo XVIII, cuando el régimen misional ya se encuentra consolidado, o incluso después de la expulsión, en que numerosos miembros de la orden escriben diarios y relaciones en el exilio, brindan información valiosa aunque excesivamente estandarizada de la vida cotidiana de los pueblos. La reciente difusión de cartas de los padres generales, memoriales, libros de preceptos y otra documentación interna de la Compañía de Jesús, aporta detalles novedosos e

interesantes sobre los problemas de la interacción entre los sacerdotes y los indígenas [...] ( WILDE.2009. p.43.)

Ademais, não nos deteremos apenas à documentação jesuítica, sendo que também utilizaremos outros textos, como "Bandos do Governador", "capitulações", "tratados", entre outros. Nossa opção aqui foi utilizar uma crítica a essas fontes que contemple as suas "condições de produção" (CHARTIER, 1999), ou seja, quem escreveu, para que, que visão de mundo ele possuía, seu contexto, onde, quando etc. A partir destas ponderações, acreditamos ser possível avaliarmos aquilo que apresentamos como objetivo desta proposta: a *agency* indígena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria R. Celestino de. Os vassallos d'El Rey nos confins da Amazônia - a colonização da Amazônia Ocidental - 1750-1798. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 112, p. 63-85, 1992.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BOCCARA, Guillaume. Génesis y estructura de los complejos fronterizos euro-indígenas. Repensando los márgenes americanos a partir (y más allá) de la obra de Nathan Wachtel. **Memoria Americana**, n. 13, 2005, p. 21-52. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/> Acessado em julho 2010.

\_\_\_\_\_. **Mestizaje, nuevas identidades y pluriétnicidad en América (siglos XVI-XX)**. *Etnohistoria: Artículos*. Disponível em: <http://www.etnohistoria.com.ar>. Acessado em: 01/07/2012.

BORMIDA, Marcelo y CASAMIQUELA, Rodolfo: 1958-1959, "Etnografía Günuüna-Këna: Testimonio del último de los Tehuelches septentrionales", e Runa, Vol.IX, U.N.B.A., Buenos Aires, Argentina.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. [online]. 1991, vol. 5, no. 11, pp. 173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>; acessado em junho de 2006.

FARBERMAN, Judith & RATTO, Silvia. **Historias mestizas en la Tucumán colonial**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

FRADKIN, Raúl & GARAVAGLIA, Juan Carlos. **La Argentina Colonial**. El Rio de la Plata entre los siglos XVI y XIX. Buenos Aires, Siglo XXI, 2009.

FRADKIN, Raúl. “**El mundo rural colonial**”. In TANDETER, E. (dir). Nueva Historia de la Argentina. La sociedad colonial. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

GARCIA, Elisa Fruhauf. **As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

HERNÁNDEZ ASENSIO, Raúl. Caciques, jesuítas y chamanes en la frontera sur de Buenos Aires (1740-1753). **Anuario de Estudios Americanos**. v. 60, n. 1, 2003, p. 77-108.

IRRURTIA, María Paula. “El cacicazgo en la región pampeana- norpatagónica argentina a mediados del siglo XVIII. La actuación de los caciques en torno a la instalación de las misiones jesuíticas”. **Anthropologica**. Año XXVI, n. 26, 2008, pp. 199-227.

\_\_\_\_\_. Intercambio, novedad y estrategias: las misiones jesuíticas del sur desde la perspectiva indígena. *Avá*. nº 11, dez 2007, pp. 135-167.

KERN, Arno A. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KERN, Arno. ; JACKSON, Robert. **Missões Ibéricas Coloniais: da Califórnia ao Prata**. Porto Alegre: *Palier*, 2006.

KONEZTKE, Richard. **América Latina II : la época colonial**. Madrid: Siglo XXI, 1974.

MANDRINI, Raúl. “Las fronteras y la sociedad indígena en el ámbito pampeano”. **Anuario del IEHS**, nº 12, Tandil, UNCPBA, 1997, pp. 23-34.

MANDRINI, Raúl. y PAZ, Carlos. Las fronteras hispanocriollas del mundo indígena latinoamericano en los siglos XVIII y XIX. Un estudio comparativo. Tandil: **IEHS UNS, CEHIR**, 2002.

MANDRINI, Raúl et al. **Vivir entre dos mundos**. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2006.

MANDRINI, Raul. La historiografía argentina, los pueblos originarios y la incomodidad de los historiadores. **Quinto Sol**, Nº 11, 2007, ISSN 0329-2665, pp. 19-38.

MARTÍNEZ MARTÍN, Carmen. Las reducciones de los pampas (1740-53): aportaciones etnogeográficas al sur de Buenos Ayres. **Revista Complutense de História de América**, n. 20, Madrid, UCM, 1991.

MARTINS, M<sup>a</sup>. Cristina Bohn. **Jesuítas na América do Sul: Práticas missionárias, escrita política.** In: **Luiz Felipe Viel Moreira.** (Org.). Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana. Curitiba: Juruá, 2007, pp. 45-73.

MONCAULT, Carlos. **Historia de un pueblo desaparecido a orillas del río Salado bonaerense. Reducción Jesuítica de Nuestra Señora de la Concepción de los Pampas, 1740-1753.** Buenos Aires: Depto. Impresiones del Min. de Economía de la Prov. de Bs. As, 1981.

MONTERO, Paula. **Deus na Aldeia: Missionários, Índios e Mediação Cultural.** SP: Globo, 2006.

NACUZZI, L. R. **Identidades impuestas. Tehuelches, aucas y pampas en el norte de la Patagonia.** Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 1998.

\_\_\_\_\_. 2003b. “**La sociedad indígena en la frontera bonaerense: resistencia y complementariedad.** Los pagos de Luján, 1736-1784”. In: AtekNa [en la Tierra]. Puerto Madryn. Año1. Volumen 1. , 2003a, pp. 47-83.

\_\_\_\_\_. “Las misiones jesuíticas bonaerenses en el siglo XVIII ¿Una estrategia político-económica indígena?”. Revista **Tefros.** 5. Nº 1, 2007. Disponível em: [www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista](http://www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista). Acessado em 03/2011.

PASSETI, Gabriel. A expansão econômica na região platina nos séculos XVIII e XIX. *Klepsidra: Revista virtual de historia*, ISSN-e1677-8944, Nº. 22, 2004

PRATT, Mary Louise. **Olhos do Império: Relatos de viagem e transculturação.** Bauru, SP: Universidade do sagrado coração de Jesus, 1999.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil Colonial,** Bauru/SP: Edusc, 2003.

RATTO, Silvia. **El negocio pacífico de los índios: la frontera bonaerense durante el gobierno de Juan Manuel de Rosas (1829-1832).**, Siglo XIX, 15, México, 1991, pp 25-47.

\_\_\_\_\_. “Violencia, cultura y relaciones de poder, La conformación de un sistema interétnico al sur del río Salado (1829-1852)”. **Actas del 49º Congreso Internacional de Americanistas,** Quito, 1997.

\_\_\_\_\_. **Indios y cristianos: Entre la guerra y la paz en las fronteras,** Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

ROULET, Florencia. Fronteras de papel. El périplo semântico de una palabra en la documentación relativa a la frontera sur rioplatense de los siglos XVIII y XIX. **Revista Tefros**. V.4, n. 2, 2006, pp. 1-26.

SILVA, Juliana Camilo. Vivendo nas margens: relações de fronteira na campanha bonaerense (século XVIII) 2013. **Trabalho de Conclusão de Curso**. (Graduação em História) - UNISINOS, São Leopoldo.

WEBER, David. Bárbaros. **Los Españoles y sus Salvajes en la Era de la Ilustración**. Barcelona: Crítica, 2007.

WILDE, Guillermo. **Religión y poder em las misiones**. Buenos Aires: Editorial Sb, 2009.

#### FONTES:

**COLECCION DE VIAGES Y EXPEDICIONES A LOS CAMPOS DE BUENOS AIRES Y A LA COSTA DE PATAGONIA**. Primer Edición. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1887.

FALKNER, Tomás. **Descripción de la Patagonia y de las partes contiguas de la América del Sur**. Con prólogo e notas de Samuel Lafone Quevedo. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Plata, Biblioteca Centenaria, 1911.

FURLONG, Guillermo. **El Padre Quiroga**. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofía y Letras, 1930b.

LABRADOR, Sánchez. **El Paraguay Católico (1772)**. 2 tomos, Buenos Aires, 1910.

LOZANO, Pedro. **Carta Ânua de la Província del Paraguay año 1735 – 1743** Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, 1928. Transcripción 1994 Instituto Anchieta de Pesquisa, UNISINOS.